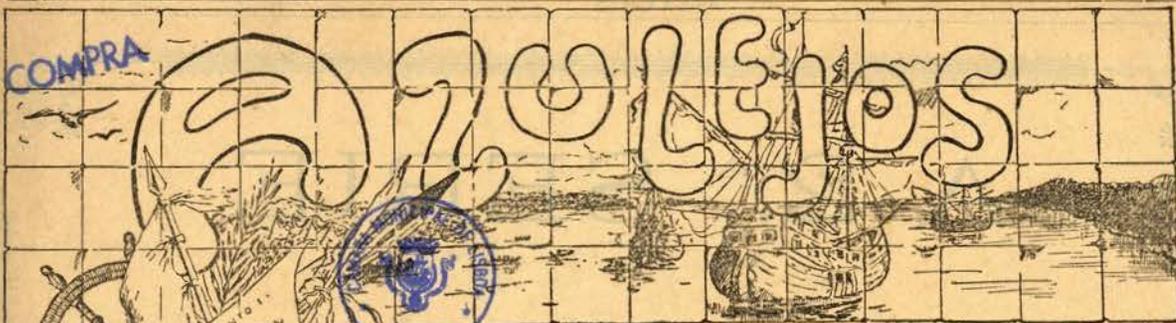


J. 101 FH



COMPRA

*Semanario illustrado
de Sciencias, Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Científico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artísticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Segunda-feira
 13 DE JANEIRO DE 1908

Condições d'assignatura
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs.
 Colonias..... 400 »
 Brazil (moeda forte)..... 900 »

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

* Tiragem 6:000 exemplares.

OS NOSSOS
 Prof. Ricardo Jorge



O Azulejos, por seu mal,
 Inda que mil termos forge,
 Não encontra a frase ideal
 Que marque o muito que vale
 O Doutor Ricardo Jorge.

A 2.^a SERIE

DO

“AZULEJOS”

Dissemos que, correspondendo á gentileza do publico para comnosco, iamos melhorar o nosso semanario, a partir do 1.^o numero da 2.^a Serie.

Cumprindo a promessa daremos um maior numero de secções e gravuras, entre as quaes se contam:

Secção das creanças—destinada a publicar os retratos e producções das creanças até aos 12 annos.

Atravez d’Africa—illustrações de pontos interessantes da Africa Portugueza.

Secção de bordados—onde inseriremos monogrammas e rendas, afim de que as nossas gentis leitoras possam obter pela insignificante quantia de um vintem, o que n’outros jornaes lhes custa carissimo.

O Feiticeiro das Trevas—interessante secção de consultas sobre o passado, presente e futuro.

No proximo numero começará a descripção da **Campanha ao Cua-mato**, devida á penna do distincto official expedicionario Mello Vieira.

No intuito de tornarmos conhecidas as obras dos nossos classicos, damos hoje a bella satyra **Pena de Talião**, de Manuel Maria Barbosa du Bocage, obra de tão grande nomeada.

Seguir-se-hão outras, podendo, por esta forma obter os nossos estimados leitores, trechos primorosos por preço insignificante.

A secção musical será honrada pelos nossos mais conhecidos e inspirados maestros.

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES

Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Segunda-feira
13 DE JANEIRO DE 1908

Condições d'assignatura
(Pagamento adelantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias..... 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 REIS

Tiragem 6.000 exemplares.

D. João da Camara

Morreu!

Como é triste ver desaparecer nas sombras do alem-tumulo, na pujança da vida, em todo o fulgor do seu brilhantissimo talento, um dos vultos mais proeminentes das letras patrias, d'esses que deixam da existencia um traço de luz vivissima, deslumbrante, imperecível, como o dos soes que, no espaço infinito, illuminam o universo inteiro.

Como nos punge, n'este momento de dor e de lagrimas, a saudade do condiscipulo que, ha quarenta annos, se sentava ao nosso lado nos bancos das escolas e nos diliciava já, ainda imberbe, com os seus ditos e conceitos, presagiando essa juventude que se approximava, para desabrocharem e abrir-se as pétalas, tão formosas, d'uma alma crystallina e pura como a gotta do orvalho em manhã de primavera.

Como nos sentimos dilacerados ao ver partir para essa jornada eterna, d'onde nunca mais se volta, um dos espiritos mais lucidos, mais crentes e mais amantes, de tudo quanto é bello, de tudo quanto é bom.

A Morte transforma em pó tenuissimo e impalpavel o roble gigante que nos assombreava com a sua altiva e espessa coma; não destruirá nunca as estrophes do poeta.

D. João da Camara morreu, mas na memoria de todos nós ficarão sempre vivos os seus dramas e os seus versos e, ao recordarmos o amigo que partiu, encontraremos na obra que nos legou lenitivo para a nossa magoa, conforto para a nossa dor.

No extenso trabalho que deixou rebuscamos ao acaso tres poesias:

Primavera

O sol em nuvens se esconde,
Sinto um frio de gelar,
Ao longe, descanta o mar
E o pinhal de cá responde.

O tempo foge, mas onde
Estarei, quando voltar
O doce calor solar
Que os abustos arredonde!

E, triste, onde estarei, quando
Vierem abotoando
As florinhas dos paues

E, doidas e pertinazes,
Voarem sobre os lilazes
As borboletas azues!

Luz benéfica

Sonhei que via um mar de lagrimas,
Um mar immenso, todo em trevas
Onde gemiam vozes roucas.
Sombras passavam, longas levas,
Em damnações, torcendo as boccas.

Sonhei depois, visão phantastica!
Que no céu turvo e acaçapado
Passava um astro, iriando as aguas.
E n'esse instante vi mudado
N'uma saphyra o mar das meguas

Sã philosophia

Corre o tempo para as lagrimas!
Mas o que faz quem tem fome?

Comer
Pois quem não tem alegria

... Ria
Ao riso amigo é preciso
Desprender-lhe toda a redea.
Vamos, amigos, á comedia,
E abençoado seja o riso.

São inumeras as que ficam espalhadas pela imprensa. Tendo começado por escrever, ainda collegial, uma peça intitulada *O Diabo*, seguiu-se-lhe *A Nobreza*, drama n'um acto, e um monologo em verso *Charadas e charadistas*, *Bernardo no Olympo*, *Ao pé do fogão*, *Os gatos*, monologo que agradou muito e logo a seguir *D. Brigida*, *D. Affonso V*, *Alcacer-*

Kibir, *Os velhos*, *O pantano*, *A Tou-tinegra real*, *Triste viurinha*, *O beijo da infanta*, *Meia noite*, *Rosa engeitada*, *Amor de perdição*, *Ganha-perde*, *O 8*, *O valete de copas*, *Os annos da menina*, *O burro do sr. Alcaide*, *O solar dos barrigas*, *Cóco*, *Reineta e Facada*, *O testamento da velha*, *José Palonso*, *O João das Velhas*, *O burro em Pancas*, *Aldeia na córte*, *A aranha*, *Bibi & C.* que foi uma nova forma da opereta *Cóco Reineta e Facada*, a adaptação da peça de Ssakspeare *Muita bulha para nada* e por ultimo *A Cidade*.

Escreveu tambem os romances historicos *Conde de Castello Melhor* e *El Rei* e traduziu com o titulo de *Dór bendita* o bello livro de Coppée *Bonne souffrance*.

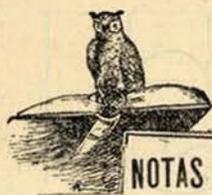
Sucedeu nas chronicas do *Occidente* a Gervasio Lobato, e tinha como este fina e esmerada conversação, que deliciava todos que o ouviam, fallando sempre em voz baixa e com uma affabilidade de encantar.

O caracter de D. João da Camara era do mais subido quilate; foi incontestavelmente um modelo de probidade e honradez. Morreu pobre.

D. João Gonçalves Zarco da Camara era o 5.º filho do 1.º marquez e 8.º conde da Ribeira Grande. O mais illustre dos seus ascendentes era o celebre descobridor da Madeira João Gonçalves Zarco a quem foi por El-Rei D. Affonso V concedido em 1460 brazão d'armas e o appellido de Camara de Lobos.

D. João da Camara tinha em 27 do mez passado completado 55 annos e deixa viuva e sete filhos a quem legou unica e exclusivamente o seu grande nome de fidalgo, de poeta, dramaturgo e homem de bem.

A REDACÇÃO.



NOTAS CIENTÍFICAS

Chronica

Os tremores de terra

No começo do seu isolamento no espaço, a Terra, era um fragmento incandescente que se soltára d'uma massa fluida e também incandescente. Animada de movimento de rotação muito rapido tomou a forma d'uma esphera achatada nos polos e mais saliente no equador e, radiando sempre calor para os espaços, foi a pouco e pouco arrefecendo e creando uma crosta chamada *crosta terrestre*, sobre a qual habitamos.

O interior, porem, a que esta crosta serve de involucro, conserva-se ainda em fusão, o que se demonstra pelo augmento de temperatura na proporção de um grão para cada 33 metros que se descem para o interior da terra, facto verificado nos pozos das minas, e ainda porque quando se abre uma fenda no involucro solidificado, por ella se precipitam logo os metaes em ignição, produzindo as erupções vulcanicas, algumas das quaes tem sido verdadeiramente aterradoras.

A crosta terrestre não pode ter mais de 100 kilometros de espessura; por cada 33 metros que se descem a temperatura augmenta 1 grão, a 100 kilometros teremos 3.000 grãos, e nenhum corpo conhecido se conserva solido. Mas se a terra tem 12.000 kilometros de diametro, 100 não são mais do que uma fragil crosta, na mesma proporção em que está, para a gemma e clara, a casca do ovo.

Não admira, pois, que este delgado involucro, trabalhado constantemente pelas massas centraes, seja affectado de prepetuos sobresaltos e são estes a regra, o repouso o regimen d'excepção.

Quando a crosta se solidificou não ficou com forma regular; tem aspezras que constituem as montanhas e vales que são as partes fracas. As cordilheiras dos Andas, é o typo d'estas arestas que, por assim dizer, materialisam os effeitos da actividade interna; os vertices estão cheios de vulções e os tremores de terra são alli incessantes. O archipelago do Japão, as ilhas da Sonda estão no mesmo caso. O Japão é o paiz classico dos tremores de terra, em média ha alli por anno 500 tremores.

Ha ainda na superficie do nosso planeta uma outra linha ao longo da qual se produzem abalos terriveis; é a chamada *depressão mediterranea*. A terra é cortada ao meio por um fosso immenso que dá uma polta completa em torno d'ella; o

Mediterraneo da Europa faz parte d'este fosso que passa nas ilhas da Sonda, Pacifico, Panama, mar das Antilhas e meio do Atlantico; esta linha é um rosario de vulções e os tremores de terra encontrando alli a parte fraca da crosta terrestre podem manifestar-se mais nitidamente. E' por isto que na Europa, Lisboa, Algeria, a costa da Provença, Napoles, Sicilia, o archipelago grego teem sido devastados por terriveis cataclismos; como o tremor de terra em Lisboa em 1755 que fez 30.000 victimas, o da ilha de Ischia mais recente e em 1693 o cataclysmo na Sicilia que custou a vida a 60.000 pessoas.

Os abalos são *verticaes*, *horizontaes* e *ondulatorios*. Os primeiros atiram os edificios para o ar, os segundos derrubam-nos facilmente, os ultimos torcem pontes e caminhos de ferro que transformam, inutilizando tudo.

Qualquer que seja a natureza d'um tremor de terra, pode ser unico ou provir de muitos abalos successivos. Alguns duram um quarto de segundo; em 1883, em Casamicciola bastaram 16 segundos para destruir 1.200 casas e matar 2.500 pessoas. A's vezes os abalos succedem-se com intervallos muito curtos durante semanas e mezes. Em 1856 houve no Japão 108 abalos em uma só semana e em 1860 no Hawai mais de 2.000 só no mez de março; em 1881 contaram-se no Japão 1.368 abalos em 12 dias.

A extensão abraçada pelo cataclysmo é muito variavel; o tremor de terra de Lisboa em 1755 sentiu-se em tres milhões de kilometros quadrados e em 1884 na Andaluzia a agitação transmittiu-se a 400.000 kilometros quadrados. As ondas sismicas transmittem-se á superficie da terra com velocidades que variam entre 600 e 5.000 metros por segundo e não são só na terra, dão-se tambem no mar onde são terriveis.

As agulhas magneticas teem sobresaltos bruscos e talvez que estes movimentos combinados com os dos aparelhos chamados sismographos e que indicam os mais ligeiros abalos, possam um dia prever os mais graves accidentes. Tem-se notado tambem que o phenomeno coincide com a maxima das manchas solares. Qual é a lei que rege esta inexplicavel coincidência? Não se sabe.

O que, relativamente, nos tranquillisa é que vae diminuindo a violencia dos cataclismos sismicos e por muito grandes que nos pareçam as catastrophes modernas, são nada comparadas com aquellas de que nos falla a tradição e que se deram em seculos remotos. No anno 526 por exemplo, houve nas margens do Mediterraneo um abalo de tal ordem que fez de 120.000 a 200.000 victimas. Por muito grande que pareça esta hecatombe, ficou muito áquem da que se deu na China, no reinado de Cam-hi e que fez 400.000 victimas.

Haverá uma rasão scientifica para esta diminuição da intensidade do flagello? De certo, mas escapa-nos a causa, visto que o arrefecimento da materia central não pode ser sensivel em alguns seculos.

Seja como fôr parece-nos que podemos encargar o futuro da estabilidade terrestre com alguma esperança de melhorar successivamente.

J. P.

ESPIRITISMO

Camillo escreve a Silva Pinto por intermedio de F. L.

(Continuação)

Que grande lição te dá Deus na vida d'essas duas plantas! Medita! Deixa qua a luz do teu talento illumine a tua razão.

Porque hasde passar o resto dos teus dias ahi na calcinante agrura de querer emendar o que está optimamente feito?

Pois se o homem pode modificar a planta selvagem pela cultura; se a base da cultura é a adubação da planta e a materia do adubo é a podridão, como queres impedir que Deus se sirva do processo semelhante para iquilatar o merito da mais complicada obra de toda a criação e para cultivar a mais perfeita e extranha planta de todas que fabricou?

O meu mal foi não ter ido nunca a felicidade de ver a vida por este prisma. Quando a vi assim... era tarde; e então o soffrimento intraduzivel pelo tempo perdido e pelo mal feito; e então o pavor de uma vida que nem nos teus momentos mais esmagantes terás podido sonhar!

A resignação ahi, em uns é o desprezo pelos outros; em outros é a piedade pelas faltas alheias.

Tu não és um resignado. Nunca o foste. Tens piedade, mas a piedade ainda te não levou á resignação! Sê benevolo, sê piedoso e terás attingido ahi uma culminancia que te permittirá na hora extrema da passagem desferir um vôo para a felicidade.

Sabes que os grandes passaros, os condores por exemplo, precisam subir a eminencias para poderem voar largo. Tu és um condor de bondade e de talento.

Não fiques, não persistas na planicie lamacenta da vida mesquinha e material, porque, meu querido, meu queridissimo amigo dilecto, na hora da despedida, colhido de surpresa pela rajada do monte que o Creador mandou para te mudar de poiso, não terás tempo de formar vôo para te alçar ao espaço largo e luminoso, e ficarás, como eu, por sabe Deus quanto tempo, no convívio

das corujas e das gralhas. A emm-nencia a que tens que elevar-te é a bondade purificada pelo sofrimento que a linguagem humana classifica de resignação. Educa o teu espirito de revolta. Se fôr necessario a tua razão que o illuda, transigindo, convencendo o de que é por desprezo que abandonará o rancor a fermentação do odio que só conduz ao des-espero. Procura convencer-o de que é tudo tão mau que não merece a consideração da revolta de um justo e um bom como és; e insensivelmente, sem dares por isso, terás adquirido a incomparavel felicidade de conheceres que os maus não são tão maus como suppões; que são mais desgraçados do que maus, e mais dignos de lastima do que de rancor; que o mal é um bem necessario; que a justiça divina, escrevendo direito por linhas tortas, como aos nossos olhos se afigura, é de uma grandeza e de uma impecabilidade incommensuravel, e de que a piedade e o perdão são as unicas coisas que approximam o homem da Divindade!

Pois se basta que o homem ponha lunetas pretas para ver tudo negro; amarellas para ver tudo dourado; rosadas para ver tudo côr de rosa; porque é que a vida não ha de mostrar só a faceta que cada um della quer ver?

Queiras ver a faceta boa e vel-a-has. Por mais que faças não verás outra, por peor que seja aquillo sobre que fixares a tua vista e a tua analyse. Se quizeres ver pela faceta má tudo verás mau, por mais santo, por mais bello, por mais grandioso que seja.

Eu passei a minha vida terrena a ver tudo pelos oculos pretos; e tão preto vi que Deus deu-me ahí a escuridão da cegueira. E, meu santo amigo, essa escuridão acompanhou-me horrorosamente aqui, e poucas são as nesgas de luz que conseguem vir quebral-a ainda!

Medita, pois. Experimenta. Acerca-te de um ramo de lyrios brancos, alvos como a neve, puros como a pureza e a bondade de Deus, olha-os atravez de um vidro fumado, e vel-os-ha, negros, sujos, repelentes; aproxima-te de um monte de impuresas, de um cadaver putrefacto, esverdeado, cahindo a pedaços pela decomposição, cousa horrenda de pensar quanto mais de ver, olha-o por vidros alaranjados e verás tudo coberto de um delicioso nimbo dourado, como se dessa immundicie irradiasse a luz solar.

Porque não fazes a mesma cousa á vida? Imaginemos...

Não, não imaginemos; vou ao alcance da tua objecção:

— Mas os vidros não mudam a natureza das cousas; — os lyrios não deixaram de ser brancos por se verem por lentes negras, nem a podridão deixou de ser ascorosa por parecer dourada!

(Continua)

Mascaras illustres



Oliveira Marliqs



O Crime

"Dellard"

GORON

(Continuação)

Mas, por mais que pensasse, corrêsse, investigasse, pesquisasse e me estafasse, passaram-se vinte dias, vinte, sem encontrar o que procurava com tanto interesse, e vinte dias é muito tempo para o publico, que exige que um assassino seja preso, o mais tardar, vinte e quatro horas depois do crime.

Na casa da rua das filhas do Calvario tinham estado durante os ultimos annos, cinco porteiros, se me não engano; pois bem, interroguei-os a todos e nenhum me deu, sequer, um esclarecimento util.

Um dia, certo agente que mandára á descoberta, encontrou ainda um sexto porteiro, morador na rua de Saint-Louis-en-l'Íle. Era um bom velhote, muito amavel e falador; o agente começou logo de volta com elle:

— Se se lembrava das pessoas que costumavam frequentar a casa de M.^{me} Dellard.

— Muito bem, não me lembro. Não admira: as pessoas que lá iam não apresentavam nada de extraordinario. Espere, disse o homem apoz um deliciao esforço de memoria, quem ia lá bastantes vezes era um soldado, rapasinho muito nôvo, sobrinho, ou quer que era, de M.^{me} Caboret.

O agente veiu dar-me estes esclarecimentos exactamente quando eu e Mr Poncet nos lamentavamos no gabinete d'este ultimo, do insuccesso das nossas investigações.

Admirou-me que os Caboret me não tivessem falado nunca do tal sobrinho: quem seria o soldadito?

— Vou sabê-o, exclamei, e sem mesmo me despedir do juiz, saltei para um trem e mandei batêr para casa d'elle.

Pêlo caminho acudiu-me ao cerebro este

triste pensamento: «será possivel, que um soldado... um soldado francês seja culpado d'um tão nefando crime: infelizmente já não era o primeiro.

Vieram-me á idea Schumache e Géomay... Estará reservado para mim o desgosto de atirar mais um soldado para os degraus da guilhotina?

Entretanto a carruagem chegou ao seu destino e eu, sem mais preambulos, fiz sabêr ao que vinha.

— «Nunca tivémos sobrinhos, disséram-me os Caboret!

— «Não me lembro de têr visto soldado algum, assim, novito, em casa de M.^{me} Dellard, disse o marido.

Esperre, continuou, puxando pêla me-moria; já sei: o soldadinho de quem o porteiro lhe falou, era um aluno da escola militar de Saint-Cyr, amigo do nosso pobre filho, que tivémos o desgosto de perdêr, vae para quatro annos. O sr. Dellard protegiu muito esse estudante; era um rapaz muito intelligente.»

Agradei a informação e parti dizendo comigo qu: esta pista era tão boa como as outras. Não se me podia metêr na cabeça que um aluno de Saint-Cyr, da escola da honra e do pundonor militar, fôsse um miseravel assassino.

Em tôdo o caso e por descargo de consciencia, quando ia a sair voltei-me para o Caboret e disse-lhe:

— «Lembra-se do nôme d'esse rapaz?»

— «Chamava-se Anastay, » respondeu, » se bem me lembro, foi incorporado no 158 de linha, aqu artilhado em Modane e ultimamente estava em Lyon.»

Lyon! a cidade em que havia quasi a certeza de têr sido comprada a faca homicida, onde existia um alfaiate que vendia casacos d'abafar iguaes ou parecidos aos do assassino! Lyon, a terra para onde o juiz d'instrução acabára d'enviar uma rogatoria pedindo informações do homem do bazar da republica, do homem da pasta!

Não, não, era impossivel; um official francês assassino! levado á mais baixa degradação do crime, pois houverá morto covardemente uma pobre velha indefesa, para roubar!

Não, não podia sêr!
No entretanto o meu devêr era investigar; lancei-me pois ardentemente ao trabalho, mas com grande desêjo de nada encontrar por este lado.

IV

Para que a accusação tivésse um alicerce seguro, era necessario, primeiro que tudo, sabêr se Anastay estava em Lyon no dia 4 de Dezembro, data do assassinio da baroneza. No caso affirmativo, teria apenas de penitenciar me por me têr passado, um instante sequer, pela cabeça, a idea de que um official do exercito francês poderia têr cometido um tal crime. Mas se succedesse o contrario, se chegasse a têr certésa que Anastay estava ausente de Lyon naquêla epoca e ainda, se viesse a sabêr que, durante os primeiros dias de Dezembro, o nôssô homem estivera em Paris?

Que pensar de tudo isso? Que deducções tirar do caso? Sem têr no entanto a certésa absoluta, já se vê.

Como caminhar nêste labirinto para chegar ao conhecimento da verdade? Telegrafar? Tolice! Seria queimar o fogo d'artificio antes da hora da função! A imprensa não deixaria de conhecêr o meu procedimento; dava o alarme, o coronel interrogava immediatamente Anastay, inocente, seria alvejado por uma suspeita que se tornaria para elle um horrivel ultraje, ou então, culpado, fugia ou suicidava-se.

Resolvi, por me parecêr mais simples e curial, enviar um agente a Lyon ordenando-lhe que, sem se dar a conhecêr a pessoa alguma, me fornecesse, o mais depressa possivel, os esclarecimentos que tanto ambicionava.

(Continua)

Pena de Talião

Manuel Maria Barbosa du Bocage
(Elmano Sadino)

Diz-se que foi feita em menos de 3 horas, no café das Parras, dictada ao morgado d'Assentis e por elle passada ao papel.

I

Satyras prestam, satyras se estimam
Quando n'ellas calumnia o fel não verte,
Quando voz de censor, não voz de zoilo,
O vicio nota, o merito gradua;
Quando fóra do epitheto affrontoso
(Tal que cabe a ti) não cabe aquelles,
Que já na infancia consultavam Phebo.
Elmiros de Paris, Cotrins, são vivos
No metro de Boileau, mordaz, mas pulchro;
Codros, Cripintos, Cluvenios soam
No latido feroz do cão de Aquino,
D'esse cuja moral mordendo incitas,
E cuja phantasia em vão rastejas
Nos igneos versos que Venusia illustram,
Nos que de fama eterna honraram Mantua;
Envoltos no ludibrio existem Bavios,
Mevios existem, e a existencia d'elles,
Se possede durar seria a tua.

Refalsado annual das trevas socio,
Depõe, nas vistas do cordeiro a pelle!
Da razão, da moral o tom que arrogas
Jamais purificou teus labios torpes,
Torpes do lodaçal, d'onde zumbindo
(Nuvens d'insectos vis) te sobem trovas
A mente erma d'ideias, nua d'arte.

Como hasde, o zoilo, eternisar meu nome
Se os fados permanencia aos teus vedaram?
Se a ponte que atravessa o mudo rio,
Que os vates, que os heroes transpõem se-
guros,

Tem fatal boqueirão, por onde absorto
Irás ao vilipendio, irás ao nada,
Ficando em cima illeso, honrado o nome,
Que em dicitérios plebeus, em chulas phrases
Debalde intentas submergir contigo?
Emprazia-te a razão, responde... e treme!

Do philosopho a tez, a tez do amante,
Meditativo aspecto, imagem d'alma,
Em que fundas paixões a essencia minem
(Paixões da natureza e não das luas)
O que apparece em mim, á vista abjecto,
A mesta palidez, o olhar sombrio,
O que preterição desengenhosa
De sujos trivialis na language apónta?
Que importa descarnado, e macilento
Não ter meu rosto o que a alicia os olhos?
Em quanto nédio e rochunchudo á custa
De vão festeiro, estúpida irmandade,
Repimpado no pulpito que aviltas
Afofas teus sermões, venaes fazendas
(Cujos credores nos elysios fervem),
Trovejas, enrouqueces, não commoves,
Gelas a conricção no centro d'alma;
Ostentas ferreo nume, ceos de bronze,
E a cada berro minorando a turba,
Compras n'aldeia do barbeiro o voto,
Alli triumphas e a cidade enjoads.

(Continúa)

Pensamentos

A diplomacia é uma vergontea da hypocrisia.

GODINHO MADUREIRA.

Quem não acreditar no impossivel é capaz de fazer tudo.

KLÉTUS.

O preguiçoso é sempre um homem mediocre.

VOLTAIRE.

Eu e eu

As vezes, quando scismo e tenho um sonho
doce
De vida a deslisar serena, immaculada,
Um sonho bom que tem a luz d'uma alvorada
E que um anjo dos céus alguma vez me trouxe

Distingo junto a mim, como se eu mesmo fosse,
A minha imagem — eu! gemendo uma risada,
Sardonica, febril, immensa, tresloucada!
E a lampada tremeu e a minha luz finou-se!

Que magnetica força o labio me convulsa
E do peito fremente a gargalhada expulsa
Em vil adulação da imagem que diviso?

Mas ao desabrochar do riso lisongeiro,
Eu vejo, ou doido estou que vejo o companheiro
Tristemente a chorar, ao ver-me aquelle
riso!

JOÃO DA CAMARA

A CAMPANHA D'AFRICA

O AZULEJOS começará no proximo numero a publicar uma interessante e minuciosa descripção da Campanha ao Cuamato, da qual regressaram cobertos de gloria os nossos intrepidos soldados.

Devido á brilhante penna do nosso velho amigo e condiscipulo, o distincto official JOSE' AUGUSTO DE MELLO VIEIRA, um dos valorosos expedicionarios, que gentilmente annuiu ao nosso convite, esta secção vae, por certo, despertar grande curiosidade aos nossos estimados leitores com a historia pormenorizada d'aquella heroica façanha.

O AZULEJOS sentindo-se honrado com a promessa de Mello Vieira, desde já lhe agradece a sua valiosa e util collaboração.

A hypocrisia

Quando vejo do mundo a hypocrisia
Repugnante, ascorosa, audaz, servil,
Encontrar seu apoio em cada dia
No ludibrio fatal do imbecil;

Quando vejo e contemplo a sociedade
Adulando o poder e as mais grandezas,
A virtude alcinhar de «ingenuidade»,
E ao vicio prestar culto, e ás torpezas,

Chego a sentir orgulho em nada ser!
E a muitos já tornados «heroes» feitos
De hypocrisia e lama, hei de dizer,

Sem me julgar isento de defeitos,
Que nunca por tal preço quero obter
Nem honras, nem riquezas, nem proveitos!

Evora — 7-1-08

JOSE' CORDOVI

As fontes

Desde a sua nascença obscura até á alta civilisação moderna sempre o homem professou o culto mythico das fontes. E' que a agua ou derramada no mar immenso, que abarca os continentes ou deslisando no veio humilde, que borbulha da fenda d'uma rocha, teve o supremo condão de sobrecitar, como nenhum outro elemento da natureza, a phantasia sobrenaturalista dos povos.

Mar e rio, lago e fonte não compartilharam por igual na adoração piedosa e nas crenças cultuaes. A nascente pequenina e modesta logrou as melhores offerendas, as ficções mais poeticas e as virtudes mais sobrenaturaes.

A fonte cria uma atmosphaera de fecundidade e vida; em torno d'ella brota a relva e viceja a arvore; ali páram para saciar-se o animal domestico e o viandante; junto d'ella se espria o campo da lavoura e o povoado; ella é o nucleo do oasis humano no deserto da terra.

RICARDO JORGE.

Canção do desalento

Vem Março. Alacres, noivando,
As andorinhas chegaram.
Tinham fugido; voltaram
Ao ninho tepido, em bando.

Vejo-as chegar á porfia,
Ao cair das sestas mornas;
Só tu fugiste e não tornas
O' minha doce alegria!

Abril chega. Os crisantemos
Abrem-se aos beijos da aurora.
P'lo campo o inverno estertora
Nos seus arrancos supremos.

Cá dentro, é sempre dezembro
Um gelo que dilacera...
Em tempos, foi primavera;
Mas quando, nem já me lembro?

CASIMIRO DANTAS

CLARISSE

(Continuação)

Era, de certo, precisa grande audacia para tratar assumpto que os illuminadores desde muito tinha tornado ridiculo e que execução mediocre podia comprometter.

O pintor, porem, tinha empregado na sua obra tanto sentimento e tanto colorido, que, depois de haver conquistado a approvação dos ignorantes, que apenas se preocupam com o assumpto do quadro,

forçava a dos mais ferozes entendedores que não podiam comprehender com que felicidade tinha salvo a ingenuidade ou, como elles dizem mais cruamente, a tollice d'aquella scena.

Voltei-me para elle afim de lhe expressar a admiração e a sympathia que me inspirava a sua obra. Interrompeu os meus elogios dizendo-me que havia esquecido mostrar-me uma tela importante e arastou me para outro lado.

tornei rindo, o saber que os meus amigos não são apreciados unicamente pelas parteiras ou pelos burguezes.

E largando-lhe o braço, avancei para a desconhecida.

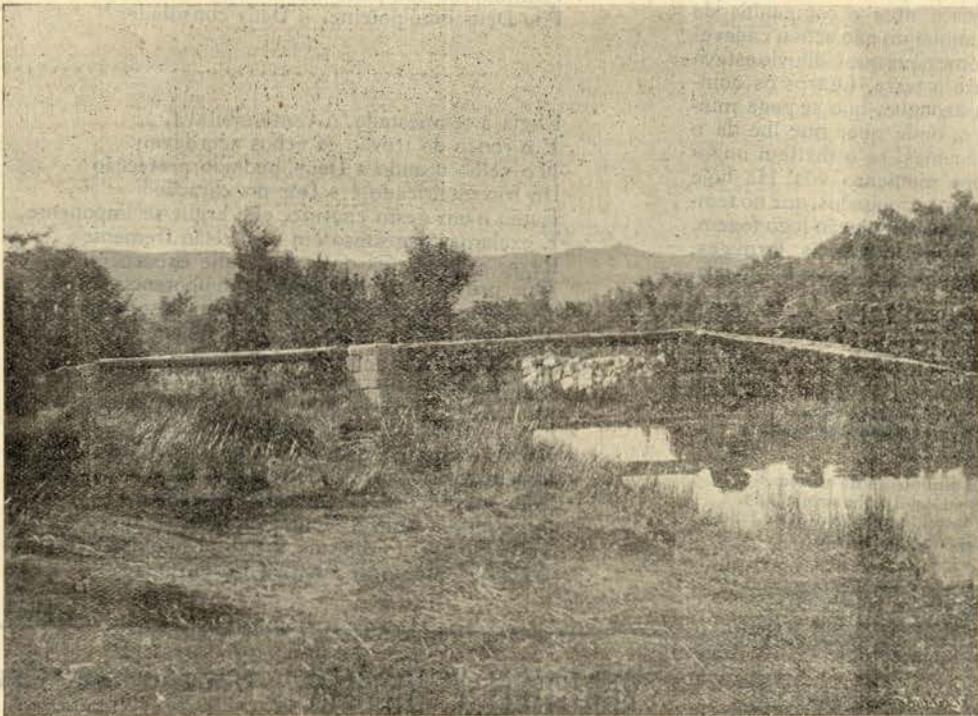
Esta acabava de abrir o catalogo para procurar, sem duvida o nome do auctor do quadro, assignado unicamente por um monograma adoptado por Mauricio. Mas no momento em que me inclinava para lhe ver o rosto

seguisse com elle; mas parecendo mudar de intenções, parou, e ouvi-o murmurar.

— Para que?... não me viu e foi melhor assim!

Esta scena que ninguem, incluindo eu, tinha comprehendido, attrahira para nós muita gente. Apressei-me em desapparecer com Mauricio por entre a multidão e, quando suppuz ter dado tempo para sair á tal senhora que havia causado este pequeno es-

Portugal pittoresco



VILLA (B. BAIXA) — PONTÃO E RIBEIRA DAS POLDRAS — Photographia do Ex.^{mo} Sr. Clemente José Gomes

Mas quando, depois de novo passeio pelas galerias, tornámos a passar, para sair, por aquella onde estava o quadro de Mauricio, quiz lançar-lhe o olhar, e fiquei um pouco surprehendido por encontrar a senhora do chaile de cachemira preto que, tendo-se distanciado das pessoas que a acompanhavam parecia ter dificuldade em arrancar-se aquella contemplação.

— Eis alli, disse eu a Mauricio, uma persistencia de admiração muito lisongeira para ti, se o rosto d'aquella senhora corresponde ás promessas dos contornos e do vestuario.

— Ora que importa? replicou elle com essa completa indifferença que mostrava sempre havia alguns annos pelos seus amores, com que os rapazes tanto se preocupam ordinariamente e diligencendo afastar-se.

— Mas importa-me muito a mim,

ella deu um grito, deixou o livro e caiu desmaiada nos meus braços.

Sem prestar á sua maravilhosa belleza a attenção que sem duvida lhe teria concedido em qualquer outra situação, dispunha-me a desatar-lhe as fitas do chapeo, quando outro grito, que parecia responder ao d'ella, ressoou atraz de mim.

Voltando-me vi Mauricio que cambaleava e cujas mãos crispadas procuravam um apoio. Deixando a desconhecida entregue ás pessoas que a acompanhavam e tinham corrido, precipitei-me para o meu amigo chegando precisamente a tempo de o socorrer.

Estava horrivelmente pallido, e com os olhos semi-cerrados, não podia articular uma só palavra. Quando se reanimou um pouco, o seu primeiro olhar dirigiu-se para o logar em que tinha visto a desconhecida. Não a vendo alli, Mauricio quiz primeiro que a

candalo, propuz ao meu amigo para sairmos tambem.

Seguiu-me sem me responder. Subi para uma carruagem e indiquei ao cocheiro a morada de Mauricio.

— Tu soffres, Mauricio? lhe perguntei eu vendo-o indicar-me com o gesto cigarros, charutos e cachimbos que havia sobre um movel.

— Não, não é nada, respondeu elle meneando a cabeça como para repeller um pensamento doloroso. Julguei a principio que ia morrer, mas agora estou ao teu dispor, meu velho amigo.

— Tu conheces aquella mulher? tornei eu depois d'um momento de silencio.

— E tu continuas sempre á espreita de historias, até com os teus amigos? disse elle com um sorriso. Pois bem, seja, tu, ao menos, és ainda bastante *tolo* para não rires d'estas cousas.

TRADUÇÃO.

(Continúa.)

AMIGOS DO MEU

Quando alguém tem pão em sua casa, tem também em sua casa amigos.

Esta casta de amigos, não meus, senão do meu, tem varias similhanças, que declaram mais a sua falsidade. Uns disseram que se pareciam com os golfinhos que acompanham festivamente aos meninos, que andam nadando, emquanto ha bastante agua onde elles possam nadar também; mas tanto que esta falta, se retiram ao alto, porque não querem dar em secco. Outros os comparam ao corvo, que tornou para a arca e companhia de Noé, só emquanto não achou cadaveres para comer, porque o diluvio estava ainda sobre a terra. Outros os comparam ao azougue, que se pega muito ao ouro, onde quer que lhe dá o faro d'elle: mas, se o mettem no fogo, em um momento vão. Ha hoje muitos amigos azougados, que no tempo do fogo de tribulação logo fogem. Outros os assimilham ás formigas, que nunca andam pelos colleiros vãos.

PADRE MANOEL BERNARDES.

Sonhando...

P'la onda turbulenta da paixão
Eu fui, qual debil folha arrebatado.
Em vão tentei luctar. Meu triste fado
Jurou dilacerar-me o coração!

N'um sonho julguei vêr, fugaz visão!
O meu mais bello Ideal realisado;
Julguei que possuia o ente amado,
Que o tinha junto a mim. Doce illusão!

Beijava-lhe os cabellos com vaidade
Cingindo-a contra o peito, loucamente,
Banhando-me n'um mar de f'licidade!

E, quando, ao despertar, fui brutalmente
Chocado pela luz da Realidade,
Desejei 'star sonhando eternamente!

7 de Janeiro de 1908.

MAC. ILLERNO.

CURIOSIDADES

As mesuras. — Nos saras antigos da Corte dansavam os reis, rainhas e damas com os fidalgos; e para isso eram as damas e doncellas do paço ensinadas por mestres a dansar, e porque a certos passos medidos faziam pausa, abaixando-se direitas e com o rosto direito com acatamento ás pessoas reaes quando, chegavam a ellas, chamavam a essas pausas medidas, mensuras e depois mesuras ou misuras, porque com pausas certas e medidas da dansa se faziam. Pouco a pouco se foram essas pausas ou mensuras airozas, que se faziam aos reis por cortesia, estendendo a outras em mostra de reverencia e civilidade; a qual se faz a pessoa superior, abaixando um pouco a cabeça, e a egual com o corpo e o rosto direito.

Em algumas povoações da Suissa empregam-se os ovos como moeda.

DESCRENTE

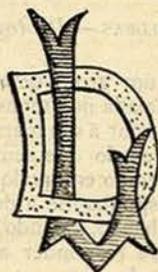
Rugia a tempestade, o vento sibilava,
E o ronco do trovão os echos acordava.
Prostrado p'la fadiga, um velho octogenario
Rezava fervoroso as contas d'um roزاری.
A historia d'este velho é triste e commovente:
Foi frido p'la Desgraça ainda adolescente
Perdendo o pae e a mãe, a essencia do amor!
Então, sem mais ninguem, oppresso pela Dôr,
O mundo percorreu, colhendo desenganos!
Cansado de tal vida, ao cabo d'alguns annos
Sentiu nascer em si o odio mais profundo
P'los dogmas sociaes dominadores do mundo.
Comtudo no seu peito existe um santo amor
P'lo Deus omnipotente, o Deus consolador!

Rugia a tempestade, o vento sibilava,
E o ronco do trovão os echos acordava.
E o velho orando a Deus, pedindo protecção
De frio inteiricado e a Dôr no coração!
Então n'um gesto enorme, elle ergue-se imponente,
E exclama magestoso em convulsão fremente:
Rezar a Deus p'ra quê? Terá elle existencia?
Que provas tenho eu da sua omnipotencia?
E'n toda a minha vida hei sido um desgraçado
A braços com a Fome; um ser abandonado!
Que mal atroz fiz eu p'ra ser assim punido?
Jamais neguei soccorro ao pobre desvalido
Meu irmão na Desgraça, igual na Desventura....
E tu, ó Deus do Bem, tu s'ymb'lo da ternura,
Jamais recompensaste o meu bom proceder!
Porém, estou farto já de tanto padecer....
Não posso d'óra avante em ti acreditar,
E quando a Morte, emfim, de mim se approximar:
Direi n'um grito enorme a toda a humanidade:
Irmãos, 'spulsaes de vós, a falsa Divindade!

MAC. ILLERNO.

BORDADOS E RENDAS

Secção das Creanças



Têmos reservado para as creanças, até doze annos, que nos quizerem enviar as suas producções litterarias, tanto em prosa como em verso, um cantinho do nosso semanario, conservando a orthographia, syntaxe e metrificacão dos originaes recebidos, mas reservando-nos o direito de não dar publicidade aquelles que pêla sua contextura, não devam têr cabimento n'esta publicacão.

As producções devem ser acompanhadas da idade e dos retratos dos seus auctores, que serão publicados com as suas obras.

Subscrição promovida pelo «Azulejos» a favor das escolas de cegos Branco Rodrigues.

Cumulos

Da economia — Guardar os dias sanctificados.

Em dinheiro:

Do n.º anterior.....	7\$500 réis
A. Malheiro.....	500 »
V. Paes.....	500 »
Segue total.....	8\$500 »

Laquear uma veia d'agua.

Descer em elevator.

Calçar uma meia desfeita com grão.



DA GERAL

THEATROS E CIRCOS

Gymnasio — O José do Egypto, peça em 3 actos, vertida do allemão por Freitas Branco.

Freitas Branco, trabalhador infatigável e um dos que traduzem com consciencia, graça e merecimento, apresentou-nos na recita de Telmo Larcher outra peça allemã, vertida para a nossa lingua com correção e felicidade.

O José do Egypto não é dos melhores trabalhos que oriundos da Germania tem chegado até nós. E' uma peça com poucas situações, estas mesmas previstas pelo espectador, sem graça nas phrases, de assumpto conhecido e gasto, e com um desfecho que nos desagradou quasi por completo, sendo aliás facilimo dar-lhe um outro de maior naturalidade aproveitando a paixão de Arthur pela filha de Bayer.

No 1.º acto achámos forçadissimo aquelle esquecimento do retrato sobre a mesa; isto porque daudo-nos o auctor um Hugo em sobresaltos constantes, espreitando as portas e guardando receioso a carta que acompanha a photographia, não é muito natural que elle vá collocar esta sobre aquelle movel e fique tranquillo em conversa com o amigo.

E a proposito, senhor Leopoldo de Carvalho, a encenação n'esta altura é pessima, quanto a nós — ainda mesmo que assim esteja rubricado.

Aquella entrada do sogro (Emilio) com a personagem de Arthur a um, atrada para cima da supracitada mesa, onde está o retrato esquecido... E, depois, para dar saída a um velho e estafado truc de encenação, sentar as figuras de Arthur e Hugo a um tempo, este ultimo — o tal senhor cheio de cuidados e receio — á direita da mesa e com o cotovello por vezes sobre a photographia da sua ex-amante Lola Garnero!

Não lhe parece isto um pouco forçado?... V.º Ex.º que é competentissimo n'este assumpto, nos dirá.

O desempenho agradou-nos.

Barbara, Judith, Telmo, Cardoso, Monteiro, Machado e Alegrim, vão bem.

Farrusca, Palmyra Ferreira, Pimentel e José Rodrigues, não desmancharam, fazendo a diligencia para levarem ao Calvario os seus pequenos madeiros.

Alda Soller, foi um bocadinho... sem sal.

D. Amelia. — *Raffles, (o gatuno amador)* — Peça em quatro actos, de Hornung e Presbey.

Quando o pano desceu lentamente sobre a ultima scena desta peça, quedámo-nos filosofando sobre a influencia provavel da politica na literatura dramatica. A entente cordiale será, nem por sombra o duvidamos, uma bella coisa, sob o ponto de vista da paz do mundo e conservará, quiçá, fechadas por muitos, longos e bons annos as bocas dos canhões, mas não é rasão plausivel para os criticos francezes elevarem acima das nuvens uma produção litteraria que, apresentada cinco ou seis annos mais cedo, taxariam de insignificancia dramatica.

Não pode haver a menor duvida que o *Raffles* não vale, como peça, uma pitada de mau rapé.

Morna, sem interesse, despegada, falsa, inverosimil, desconexa e... ingenua, vae-se desenrolando a custo de muitos cordelinhos enebados que os autores puxam sem ouzadia e sem brilho, por aquelles quatro acdos fóra, como uma serpente que tentasse movêr-se depois de têr devorado um boi.

Não ha ali coisa alguma que possa captivar a atenção do espectador culto, nem um têma a desenvolver, um preconceito social a combater, um erro mundial a verberar, nada disso. Ha apênas um conjunto de peripicias em que o burlesco se alterna com o dramatico, numa omeleta temperada com detestavel manteiga, muito proprio para entreter os habituaes frequentadores do Principe Real ou do Gimnasio em dia de beneficio barato, mas improprio de fazer mastigar, sem protesto, a quem se senta habitualmente n'os *fauteuils* dum theatro que, como o D. Amelia, tem foros para maior graduação.

Será uma peça para *gourmands*, não o é com certeza para *gourmets*: compreendeu-o muito bem o publico, permitindo que apoz meia dusia de representações haja grande copia de logares vagos na sala e não menos bem o entende agora a empreza que, sabiamente, a vae entremeando com as *Delauze* e a *Casa em Ordem*, verdadeiros mimos que se não percebe bem como não tenham, *mesmo em Portugal*, cincoenta representações seguidas e sempre com a casa cheia.

Pois sim... sim... tudo isto é verdadeiro, mas... que o D. Amelia não desse o *Raffles*... o *Raffles*... o *dernier cri* da pura, sã e bella arte... o *Raffles* que, *até a Rêjane* tem no repertorio!... Ui! Mata-vam o Visconde... esfaqueavam o Antonio Manoel... queimavam o edificio.

Dou o dito por não dito: o D. Amelia fez muito bem em montar o *Raffles*.

O *Raffles* é que nos não montou... a nós, mas subjugou-nos alguma coisa perante a qual respeitamos e nos curvamos.

Essa coisa, ou antes, essas coisas são: a encenação, o luxo e propriedade do scenario, mobilia e adereços e finalmente a correção no desempenho.

Não se pode exigir mais ao ensaiador, aos artistas e á empreza.

A maneira como Lucinda Simões ensaiou, fez mechêr e principalmente fez estar paradas, (o que é difficilimo sem sair da monotonia) as figuras do *Raffles*, é um primôr artistico de tal quilate, que difficilmente se poderá excedêr. Não resta a menor duvida que Lucinda é tão grande a fóra como a dentro de bastidôres.

Henrique Alves estudou cuidada e minuciosamente a grande *espiga* que é o seu longo e arreesado papel (*Raffles*). Diz primorosamente veste muito bem.

José Ricardo apesar de não têr no policia Bedford um dos seus melhores papeis, vae, como sempre, optimamente, chegando mesmo na sua grande scena muda a ser genial.

Chaby Pinheiro (Lord Amerstels) correctissimo como sempre. Lamentámos que o auctor o deixasse ficar na ultima scena da peça tanto tempo sem dizêr uma palavra, mudo e extatico como uma estatua de Pan nas ruas sinuosas d'um jardim inglés.

Carlos d'Oliveira no Henry Mauders foi d'uma grande distincão. Marcou com excepcional sentimento a scena em que *Raffles* lhe confessa sêr criminoso.

Carlos Santos apresentou bello typo no gatuno *Crawshay*. Recomendamos-lhe um pouco menos d'extagero na dicção; e se o fizer, será perfeito o seu trabalho.

Rafael Marques, Francisco Senna e Manoel Pina não desmancharam o bello conjunto.

Das actrices: agradou-nos primacialmente Maria Falcão na Madame Vidal; bela apresentação, excelente dicção e compreensão nitida e completa do seu difficil papel. Um bravo á gentil artista.

Laura Cruz, bem como sempre. A sua parte é um rosario em que os sorrisos se alternam com as lagrimas. Uma massada... Têna paciencia, querida e inteligente artista; a vida é isto, chorar e rir quasi sem têr tempo de limpar os olhos.

Izaura de Sousa e Elvira Costa, respectivamente nas partes de Ethel, e Lady Melrose, foram bem.

Julia da Assumpção na criada Maria, pequeno mas difficil papel, fez o que pôde mais necessita sêr mais natural.

O scenario, todo nôvo, de Luis Salvador

e Alexandre Azevedo, é excellentemente pintado e firmaria, se fôsse necessario, o credito d'estes artistas.

Os arranjos e pertences de scena são de primeira ordem o que prova o cuidado da Empreza em sêr agradavel ao publico.

Emfim tudo excellente, a não sêr a peça, a nosso vêr, está claro.

A proposito: poderá algum explicar-nos a razão porque sendo o *Raffles* um *gatuno de profissão*, a peça tem por sub-titulo «*gatuno amador*»?

E lá estivemos... na geral.

ROMANOL.

O FEITICEIRO DAS TRÉVAS

Da Ex.^{ma} D. Eugenia D. de C. recebemos uma carta em que peçia ao nosso *bruxo* uma consulta sôbre o seu futuro.

O pedido d'esta sr.^a foi enviado a Georges Clement para Paris, na quarta-feira 8 do corrente. Acompanhavam-no todos os dados e explicações que a mêmra sr.^a nos forneceu: não sabemos se serão sufficientes. No caso afirmativo, logo que chegue a resposta, (dia 15 pouco mais ou menos) publical-a-hemos, por nos acharmos a isso autorisados pela Ex.^{ma} consulente. No caso contrario, Clement nos mandará dizer miudamente os dados e explicações de que necessita e o que elle exigir dal-o-hemos a conhecêr immediatamente aos leitores, afim de servir de norma aos futuros consulentes.

VARIÉDADES

Carne cosida á Miss White

Põe-se ao lume a derreter uma porção de manteiga sem sal e mistura-se-lhe a carne cosida, perfectamente desfiada, uma batata esmagada e uma pequena porção de creme. Meche-se tu'o isto muito bem com uma colher de pau, até ficar ligado e homogéneo.

Deite-se em seguida n'um prato enfeitado com bocados de pão torrado e sirva-se.

Semana Alegre

Ao telefone:

— Faz favor de me mandar uma peça de fazenda igual á d'este meu colête.

Num exame de pedagogia:

— Queira dizêr-me o que é uma escola?
— E' um fórnio onde se cósê o pão do espirito.

POSTA RESTANTE

Raul Violeta — Estão errados na metrificação.

A. B. — Idem na medida e accentuação.

Novato X. — Não recebemos.

A. M. e Castro — Queira medir com cuidado e verá que estão errados alguns d'elles.

Claro-Escuro — Agradecemos a sua gentileza e retribuimos as boas-festas.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

O concurso de Charadistas

QUEM GANHOU O PREMIO DA 1.ª SERIE

Na semana passada procedemos ao apuramento do Campeão dos decifradores das charadas publicadas na 1.ª Serie do *Azulejos*.

O nosso premio, **uma carteira com monogramma em prata**, devia caber aquelle que tivesse adivinhado o maior numero e nos enviasse as respectivas decifrações, escriptas nos rectangulos collocados por baixo de cada um dos artigos que publicamos.

Os concorrentes eram em numero de seis, tendo procedido á eleição do respectivo **Campeão da 1.ª serie** um jury de tres membros nomeados por esta redacção e que gentilmente accederam ao nosso convite.

Eis o resultado:

1.º—Marianno Ribeiro—Estrada das Lorangeiras, 1—**162**.

2.º—Jayme da Rocha Figueiredo (Litras)—R. de S. Luiz, 17, 2.º—**159**.

3.º—Manuel de Sousa—Carnide, R. Direita, 38—**156**.

4.º—Augusto Eduardo de Carvalho—The-souraria Geral do Ministerio da Fazenda—**137**.

5.º—José Luiz Cavaco (Sado)—Setubal—**45**.

6.º—Luiz Almada de Lacerda—**8**.

CAMPEÃO DA 1.ª SERIE

Marianno Ribeiro

Artigos decifrados 162

E' pois o Ex.º Sr. Marianno Ribeiro o premiado com a

Carteira de pelle de Crocodilo

COM MONOGRAMMA EM PRATA

que pode ser requisitada n'esta redacção, C. do Jogo da Pella, 6, 2.º, ás 3.ª, 5.ª ou sabbados, das 8 ás 10 horas da noite.

O CONCURSO DA 2.ª SERIE

Um tinteiro de prata será o premio do Campeão

Propositadamente não damos hoje as decifrações do numero anterior (1.º da 2.ª Serie), a fim de qualquer pessoa poder ainda concorrer sem prejuizo das charadas a que demos publicidade.

Condições do Concurso

1.º—Decifrar mais de 150 dos artigos que sairem nos 15 numeros.

2.º—Enviar-nos, no intervallo de dois numeros a folha da secção *Qual é a coisa qual é ella*, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.

Premio do Concurso

Ao Campeão será offerecido um tinteiro em prata

Decifradores

Do n.º 15
Em concurso.—*Litras-Todas* (17)—*M. Sousa* (14)—*M. Carvalho* (14).

Logogriphos

Sou difficil de apanhar
Requeiro todo o cuidado;
Mas vale a pena pois sou
Um marisco apreciado.—1, 5, 4, 2

Os poetas me preferem
A tudo que a vida encerra,
Estou sempre á beira do mar
Pois sou a orla da terra.—4, 6, 5, 7, 2

Dou nome a rio brasileiro
E sou materia corante—2, 8, 7, 1
Sou uma necessidade
P'ra quem tiver vida errante.—3, 9, 1, 2

Sou p'ra uns cousa de luxo,
P'ra outros necessidade,
Para muitos agradavel,
P'ra outros contrariedade.

Esta planta no livro era d'antes almiscar
-2-2.

A. P. R.

Biforme

A maneira é costume-2.

E. RAMOS

Electrica

Ás direitas e ás avessas é moer-2.

E. RAMOS

Rapidos

Sulco	Flor
1, 2, 3, 4	5, 6, 7
Planta	
	A. F.

Norma	Nota
1, 2, 3, 4, 5	6, 7
Bem comportado	
	J. L.

Manto	Nome
1, 2, 3	4, 5, 6, 7
Azulado	
	A. B.

Enygmas

Typographicos

RA VEL

J. F.

BO

GALHÊTO

Por iniciais

HEPNCNS
2 1 3 1 2 1 2

J. P.

Charadas

Novissimas

Esta virtude na flôr tem sorte-1-1.

JULIO R.

Este adverbio é appellido e animal-1-2.

ALPHA

Maçada geographica

Formar o nome d'uma terra portugueza com as seguintes palavras

BOA CALÇA

ISAURA

Artigos a decifrar, 13.

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO
COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

COSTA JUNIOR
Doenças dos Olhos
R. Nova do Almada, 64, 1.º — Da 1 ás 5 da tarde

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clínica Geral — Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO-CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA
MEDICO-CIRURGIÃO
R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo. **L. M. LILLY**, successor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Retratos a Crayon a 2:000 réis
Carta a esta Redacção
RECEBEM-SE ENCOMENDAS DA PROVINCIA

Januario & Mourão
OURIVESARIA E JOALHARIA
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brinde, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. **L. M. LILLY** Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D. Lisboa.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

PIANOS
A. NASCIMENTO
Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos encordações para pianos e harpas, etc., etc.
TRABALHOS GARANTIDOS
Travessa da Bica, 5 (ao Intendente)
LISBOA

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, reccuatorio.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo Instituto

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 réis
8 Logares
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa


EXPOSIÇÃO DE
LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brinde
GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)

BICYCLETAS INGLEZAS
VENDAS A PRESTIÇOS



CASA VELO-PORTUGAL
J. de COSTA BRAGA - 21, RUA MARIA 23 LISBOA
BICYCLETAS DAS MAIS MODESTAS AS DE MAIOR LUZO POR PREÇOS RASOAVEIS
ACCESORIOS E REPARAÇÕES
SUCURSAL DE ENFORE E ALGODES - PIANOS - MOSSING - ALBODUQUE - CAMPO GRANDE

NA NOSSA MANEIRA DE ANUNCIAR

A bicycleta ingleza, de 1.ª ordem que, sob a denominação de **"VELO-PORTUGAL"** vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de fórma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.

Não ha cyclista que o ignore. Ninguem imita artigos sem reputação. O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, teem centenaes d'imitadores.

Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficara verdadeiramente surprehendido. Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a vér mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa. Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubémos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios mimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

Bicycletas das mais modestas as de maior luxo por preços rasoaveis.

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se póde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferéncia do publico.

Ha pessoas que, não vendo réclamos espalhafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

BERTHA

GAVOTTE

Al Osanoff.

(CONTINUAÇÃO)

una corda pp cresc. tre cordas sf schertz mf

Ad. * Ad. * Ad. * Ad. *

sf sf mf f rit. p sf sf sf p sf dim. f p pp pp

Ad. * Ad. * Ad. *

NO PROXIMO NUMERO:

ADIÓS NIÑAS! — Habanera por JULIO SIMÕES